

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Edusp/EPD
2 v. 1974.

OLIVEIRA, R.C. de. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Pioneira, 1976.

SCARANO, Julita. Devoção e escravidão. 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

SILVA, Armando Bordallo da. Contribuição ao estudo do folclore amazônico em zona bragantina. Belém, Falangola, 1981.

TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.

É TEMPO DE NEGRO*

O Centenário e as notícias na imprensa

Maria Angélica Motta **MAUÉS**
Departamento de História e Antropologia da **UFPA**.

RESUMO: Breve etnografia do debate da questão racial, reproduzido pela imprensa no ano de 1988 - ano do Centenário da Abolição. Procura destacar e analisar, sucintamente, as formas de pensar a questão e as imagens do negro que a matéria referida apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Negro, Questão racial, Ritual, Ideologia, Etnografia.

IT IS TIME OF BLACK

The Century from slaves liberty and the press

ABSTRACT: This paper is a short ethnography of press reproduced debate on racial issue in the year of 1988 - year of the Century of Slaves Libetration. the aim is to pick up and analyse briefly the ways people thinks the question and the negro image presented there.

KEY WORDS: Negro, Racial question, Ritual, Ideology, Ethnography.

* Trabalho apresentado no 12º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, no Grupo de Trabalho "Temas e Problemas da População Negra no Brasil". Águas de São Pedro - São Paulo, 1988.

"O BRAZIL LIVRE"

Está redimido o império do Cruzeiro!

Tombou para o passado, triste, morto, aniquilado, o vulto negro da escravidão."... "Cahio a hydra de tantos séculos; esmagou-se o dragão aterrador, que comprimia no solo da pátria os pequeninos rebentos da semente fecunda da liberdade, ahi plantada desde sempre pela própria mão divina, em cujos desígnios a América está de certo destinada para (ser) no futuro o repositório das civilizações, o ninho das liberdades dos povos.

Cahio o mal, cahiram as trevas; cahio a vergonha; cahio o ridiculo e o approbrio!

No horizonte político da nossa história acaba de raiar o sol, ..., o sol da liberdade, cujos raios louros e claros, ... vêm vivificar e animar os pulmões exaustos deste grande colosso - o império brasileiro - prostrado e abatido pela tenaz tuberculose do cativo.

...

Passou a época vexatória da opressão. O passado necerra-a já: deitamos-lhe por cima o esquecimento. Nada de voltar atrás; volvamos antes os nossos olhares para o futuro, que se abre risonho e calmo, como um sorrir de criança...

Volvamo-nos para elle.

Na curva longínqua do horizonte surgiu o sol dos novos dias, ...

A brisa que sopra é a brisa fresca da manhã...

É a brisa da liberdade.

Não traz mais veneno mortal dos ventos mephiticos de outr'ora; nem passa vergastando o pello nudo escravo, como outr'ora fazia o endiabrado simoun

da escravidão.

Bemvinda seja a liberdade! "

(A Província do Pará - 13 e 14 de maio de 1888 - 19 Caderno -p. 9. Reprodução da edição de 15 de maio de 1888)

"CENTENÁRIO DA FALSA ABOLIÇÃO"

1888 - 1988

"Faz cem anos que nós, negros brasileiros, fomos abandonados a nossa própria sorte, para realizar uma tarefa impossível: nos integrar numa sociedade competitiva, sem ter um pedaço de terra, sem ter instrumento de trabalho, sem instrução e sem condições psicológicas para competir.

Faz cem anos que passamos de trabalhadores manuais do escravismo, para trabalhadores manuais do capitalismo. Faz 100 anos que passamos das senzalas do escravismo para as favelas, mangues, baixadas do capitalismo.

Mas não faz só 100 anos que sofremos neste Brasil. Faz 472 anos que somos vítimas de um processo de massacre contínuo e cruel. Faz 472 anos que somos deserdados cronicamente; marginalizados social e politicamente; aniquilados e surrupiados culturalmente; mutilados psicologicamente, moralmente." (transcrito do texto distribuído pelo **CE-DENPA** durante a 'caminhada' do dia 13 de maio)

"A ESCRAVIDÃO"

...

"Neste maio comemora-se o centenário da abo-

lição da escravatura no Brasil, nódoa que vinha do período colonial e que a princesa Isabel - A Redentora -, resolveu colocar um basta... O centenário desse evento deveria ser celebrado com festas, alegrias, comunhão de pensamento, aproximando e estreitando, cada vez mais, os filhos desta terra abençoada, independente de cor ou credo. Mas, não é isso que se está vendo. Ao invés de concórdia, a discórdia é fomentada. Parece que há a decisão intencional de abrir feridas, aumentar possíveis malquerenças, aprofundar as discriminações odiosas. No Brasil todos viviam em comunhão, não ocorrendo o que se passa na África do Sul ou em alguns pontos dos Estados Unidos. ...É certo que deve ter havido de tudo. O "Quilombo", uma triste história do passado. Mas, no Brasil, a miscigenação sempre foi muito forte, o português coabitando com a negra e a própria Índia, surgindo os mulatos e os cafusos em todas as tonalidades de pele. ..." (Transcrito de artigo no jornal "O Liberal" de 15.05.1988)

1. INTRODUÇÃO

Os três discursos que introduzem este texto não estão aí apenas para servirem como epígrafe. Eles foram colocados também, e mais do que isso, porque podem ser tratados como peças exemplares do discurso sobre a questão racial e sobre o negro no Brasil. Antes, porém, de justificar porque os considero assim, devo dizer dos meus propósitos neste trabalho.

Como alguém que tem se dedicado nos últimos anos ao estudo do discurso brasileiro sobre a questão negra no país, particularmente o que tem sido produzido pelo próprio negro, pensei que a ocorrência do centenário da abolição seria um momento privilegiado para "ouvir" o que a sociedade brasileira

estava dizendo sobre a questão. Não era difícil imaginar (e isto iria se confirmar depois), que a celebração do evento provocaria, entre outras coisas, um expressivo debate nacional em torno da problemática negra (até porque isto seria um elemento indispensável do grande ritual do centenário), e, a partir e ao longo desse debate, haveria também uma presença marcante e especial* do negro nos veículos de comunicação do país.

Tendo isto em mente, a idéia seria identificar, a partir desta presença extraordinária do negro e tomando um ponto de apoio específico, o tipo de visibilidade da questão racial e de imagem do negro que ela certamente revelaria. Neste sentido, optei por acompanhar, no período de 1º de janeiro a 30 de junho, o noticiário de jornais editados em Belém (Pará), onde resido, sendo que entre os três de maior circulação**, escolhi um deles para fazer um acompanhamento diário ao longo do tempo referido. Nos outros dois o acompanhamento foi mais aleatório, sendo porém consultadas as edições dos domingos e feriados que ocorreram no período mencionado.*** Além disso, consultei também as matérias dedicadas ao 'centenário' nas edições do mês de maio das seguintes revistas: Veja, Manchete, Claudia e

* Isto significa que essa "presença" se daria também em outro espaço que não aquele tradicionalmente reservado ao negro: como "marginal", "bandido", "carente", etc.

** Esses jornais são: "O Liberal", "A Província do Pará" e "O Diário do Pará".

*** Na fase de organização e arquivamento da matéria dos jornais, consultados para este artigo, contei com a colaboração de Ricardo Ângelo Pereira de Lima, bolsista do Programa de Iniciação a Pesquisa (PIPES) da UFPA., atuando junto a projeto sob minha coordenação, a quem agradeço pela ajuda valiosa.

Desfile*

Por outro lado, como tive oportunidade de participar, ao longo de todo o primeiro semestre deste ano, de uma série de eventos** realizados em função do 'centenário', isso me permitiu reunir um conjunto de elementos do que vi e ouvi nessas ocasiões. Desse modo pude reunir um outro tipo de "dado": minha apreensão do leque de interpretações das pessoas em diferentes ocasiões, enriquecida (esta apreensão) pela observação que só o contato direto com as situações é capaz de nos permitir - desde que saibamos distinguir, como nos diz Geertz, um tique nervoso de uma piscadela.

O texto que se segue pretende ser uma "leitura de leituras" sobre o negro e sua questão. Mas não quaisquer leituras, já que estas de que me ocuparei aqui vêm permeadas pela força da celebração de um rito histórico de passagem, para usar uma expressão de DA MATTA (1979), rito esse que este ano assume um caráter quase único, já que se trata do 13 de maio que corresponde ao centenário do evento que a data evoca. É, então, tendo isto presente, que examinaremos os discursos, sem esquecer também que, acima e além do "tempo" do centenário existe o cotidiano da vida brasileira, este, profundamente marcado por uma ideologia racista disfarçada, e não admitida, mas

* A princípio havia pensado em utilizar também matéria veiculada em emissoras de televisão. Entretanto, devido à necessidade de maior disponibilidade de tempo que isto exigiria, apenas registrei em vídeo algum material, particularmente o veículo no 13 de maio, o que eventualmente poderá aparecer como reforço no texto.

** Estes eventos foram reuniões científicas ou manifestações públicas, todas contando com a participação maciça da militância negra e dos quais destaque, pela sua expressividade e riqueza, a "Caminhada do Centenário da Falsa Abolição", promovida pela entidade do Movimento Negro do Pará (CEDENPA) e o Congresso Internacional sobre Escravidão, promovido pela Universidade de São Paulo.

que aflora no discurso e na prática social, ambos preconceituosos e, discriminadores em relação aos negros. São estes dois tempos - um especial, extraordinário e outro normal, do dia-a-dia -, que aparecem imbricados nas falas sobre o negro, fazendo coincidir, numa ambigüidade muito "própria" do Brasil, o passado e o presente, mesmo que se saiba que não é a determinação do segundo pelo primeiro que faz com que as coisas sejam como são. Daí também que, um comentário escrito em 1888, esteja colocado aqui, no mesmo espaço que abriga outros dois produzidos exatamente cem anos depois.

Justificando, agora, a inclusão destacada dos três textos, diria que eles reproduzem, numa espécie de síntese, as faces do discurso que mais recorrentemente aparecem no material consultado falando da questão negra no contexto da celebração do centenário, mesmo levando em conta a época distante em que o primeiro foi escrito. Teríamos assim, no primeiro caso, o discurso da exaltação do feito abolicionista, principalmente pelo que a escravidão representava como uma espécie de opróbrio nacional (depois vai se falar em mancha, nódoa, etc.), a desviar o país de sua "vocação divina" para a liberdade. Por isso mesmo, com a "brisa da liberdade" deve chegar também o esquecimento da "época vexatória da opressão", idéia que, entre outras, certamente está na raiz de nossa recusa em enxergar um problema racial no Brasil (este só existe "lá fora"), e que com outra roupagem vai aparecer em vários discursos sobre o centenário. O segundo texto representa o discurso de denúncia do não feito, ou seja, da 'falsa abolição' que, sendo falsa, portanto não válida, trouxe para o negro em vez da liberdade o abandono, a marginalização, ou simplesmente a passagem "das senzalas do escravismo para as fa-

velas, mangues e baixadas do capitalismo", frase que é uma espécie de estribilho deste tipo de discurso que junta discriminação racial e dominação de classe. No que se refere ao terceiro texto, o que temos é o discurso ambivalente - talvez o que melhor representa a leitura brasileira sobre a questão - que, ao mesmo tempo, nega qualquer problema racial (por oposição à África do Sul ou aos Estados Unidos), admite que ele existe - já que se pode aumentar "possíveis malquerenças" ou "aprofundar discriminações odiosas" - mas invoca a mistura das raças (nossa tão decantada miscigenação), como a garantia secular da harmonia entre brancos e não-brancos.

Nesta pequena etnografia, procurarei seguir, no material a ser examinado, a trilha destes três discursos-chave, mostrando as variações e desdobramentos que certamente ocorrerão. Para isso, apresentarei primeiro as várias falas sobre o próprio centenário; em seguida, procurarei ver o discurso a partir da incorporação do centenário em três eventos do calendário, com destaque especial para o próprio 13 de maio.

2 O "TEMPO DE NEGRO" - interpretando as leituras do centenário.

Ao fazer a leitura de todas as notícias referentes ao centenário da abolição, publicadas (nas fontes já referidas) ao longo dos seis primeiros meses deste 1988, uma coisa me chamou particularmente a atenção - a enorme recorrência (para não falar em repetitividade), de um tipo de discurso, o

que, por vezes, me dava a impressão de estar lendo uma notícia já lida antes.

A recorrência, como mostrarei a seguir, transcrevendo exemplos do discurso, está vinculada a uma espécie de leitura comum, que negros e brancos militantes fazem do centenário, no sentido de recusar o caráter de comemoração e de aproveitar o evento para conseguir ganhos para a luta dos negros, revertendo portanto, o sentido do ritual na sua leitura oficial.

Vejam os porêm as próprias falas. Logo no primeiro dia do ano, a propósito da Campanha da Fraternidade (aliás um dos temas mais presentes nas notícias), um jornal coloca em manchete: "Cedenpa* vê momento ideal para a luta em defesa da igualdade". No texto aparecem declarações de uma representante da entidade (com sua fotografia encimando a notícia), nas quais surge a leitura básica do centenário que foi passada em todos os pronunciamentos de seus militantes:

"Em 1988, o movimento negro não fará festas em comemoração aos cem anos da abolição. Muito pelo contrário. Será um ano de denúncia contra o racismo."

E mais adiante, falando do ato público que seria feito, diz:

"Esse evento servirá como abertura da extensa programação a ser desenvolvida durante o ano todo, com o propósito de denunciar a falsa abolição." (O Liberal; 1.1.1988).

A explicação para a adjetivação acima é repetida sempre, pela entidade, nos termos expressos a seguir:

* CEDENPA é a entidade de Movimento Negro existente em Belém, criada em 1980 e hoje bastante atuante.

"A abolição representa para o Movimento Negro, apenas a passagem legal do negro, das senzalas' do escravismo às baixadas e favelas do capitalismo. Mudou o sistema, mas a situação de piso da sociedade permaneceu". (O Liberal; 13.02.1988).

O tom radical do texto acima, muito presente nas avaliações da militância negra dos anos 70, aparece também na fala de um ator e cineasta negro, em notícia de seu documentário sobre o tema da abolição.

"Se antes éramos propriedade dos senhores feudais, depois da famigerada lei Áurea, passamos a ser cidadãos marginalizados do estado brasileiro." (O Liberal; 23.02.1988).

E, talvez em tom menos radical, mas não menos contundente, na de um constituinte negro;

"Vivemos uma situação de morte civil, onde a cidadania plena nos é negada a todo momento".

Ou na de um cardeal da Igreja católica:

"...o Brasil é um país racista" e a situação do negro depois da abolição "não melhorou nada. Está na mesma ou numa situação pior," pois "Quando se aboliu a escravidão não se deu ao negro a mínima possibilidade de se integrar na vida brasileira. A lei diz que todos somos iguais. Mas na realidade os negros são discriminados. O negro no Brasil só tem vez se jogar futebol, como Pelé e Jairzinho, entre outros." (O Liberal; 18.02.88).

Ou ainda na fala de um articulista e militante católico, num texto de "defesa crítica" da sua igreja, no que toca à questão do negro:

"Os negros ganharam a liberdade, desconhecem a chibata, mas prosseguem escravizados à pobreza, às favelas, aos subempregos, à desigualdade social, à rejeição. Rogo para que o clamor deste povo seja ouvido por Deus. Chega de escravatu-

ra." (O Liberal, 20.03.1988).

Entretanto, o tom e o teor predominante nas leituras sobre o centenário parecem ser outros, pelo menos levando em conta o material que manuseei. Não se trata simplesmente do uso de outra linguagem, nem de uma interpretação contrária à que expus até aqui. Trata-se, me parece, de tentar ir além da denúncia, e principalmente das celebrações (rituais), colocando a situação que o centenário evoca como uma espécie de "questão nacional", para a qual o pensamento - e não simplesmente o olhar - do país deve se voltar. O sentido e a intenção da tão exigida reflexão, podem bem ser estes, sem desprezar obviamente outras intenções. Passemos logo ao próprio discurso que sintimaticamente aparece no momento mais próximo da celebração, o mês de maio:

"Com anos de abolição. O 13 de Maio não deixa escapar comemorações, tem gosto de festa e de extremas contradições...

O negro é homenageado pelas instituições. Mas a luta não terminou.

A lei Áurea não pode ser entendida como benesse ou um ato patriótico capaz de apagar o que se fez contra uma raça.

O centenário da abolição, mais que os intervalos comerciais da televisão, é um apelo à reflexão...

A história brasileira é uma história afro-brasileira que precisa usar outras tintas que não as crevam tão somente a história oficial. Que abra espaço para outra versão...." (Editorial de O Liberal; 13.05.1988).

"Eu acho o seguinte, eu acho que um século atrás através de algumas lutas profundas... o negro entrou neste país lutando, brigando. É uma falácia dizer que ele aceitou pacificamente a escravidão; eu acho que é a continuação de um processo, um processo de luta, e de contradições internas dentro da própria comunidade. Eu acho que não tem muito que discutir se é abolição se não é abolição, tem é que aproveitar es-

te ano de 1988 como um ano de profunda reflexão sobre a sociedade brasileira como um todo, saber é plantar e assegurar algumas posições políticas, para que a gente modifique, para que aqui, sei lá quanto tempo, a gente esteja discutindo em outro nível os grandes problemas brasileiros..." (Depoimento de veterano ator e militante negro do Rio de Janeiro, programa 'Sem Censura' - TVE; 13.05.1988).

"Por que os negros não possuem terras? não possuem fazendas? por que os negros não possuem banco? porque depois da escravidão aos negros continuou um regime ao trabalho, mas não foi da do a ele o poder de compra. Por isso a luta continua e o centenário da abolição é apenas um momento de reflexão, onde toda a sociedade, brancos e negros tem que, juntos, começar a pensar e a construir uma sociedade de iguais." (Depoimento de constituintes negros do P.T. do Rio Grande do Sul, em entrevista à TV Globo nos 'flashes' do Congresso; 12.05.1988).

"... o que está faltando é a participação nossa nos frutos do progresso social. Agora, é preciso ressaltar que toda essa movimentação, toda essa participação, ela é fruto da organização dos movimentos negros. Diz-se que nós estamos fazendo festas e denúncias; são muito mais atos de denúncia, muito mais ato de afirmação da raça negra, muito mais atos de manifestação em prol da cultura brasileira que é marcadamente negra, que tem na sua vertente maior o conteúdo africano; do que festa, do que comemoração".

(Declarações de um intelectual negro, assessor do MinC; Programa Bom-dia Brasil; TV Globo; 13.05.1988).

Outro tipo de leitura, indica uma espécie de sobreposição, em que a questão maior sinalizada pelo centenário fica diluída porque sua leitura vem permeada por um referencial anterior que direciona o tipo de visibilidade da mesma:

"Falar de abolição não significa falar apenas de negros, é falar dos quinhentos anos de opressão de negros e índios, irmanados na mesma lu-

ta, marginalizados, discriminados e vítimas da mesma ação nefasta do poder dominante." (Declarações de uma constituinte negra, do P.T./RJ. O Liberal; 13.05.1988).

"Índios e negros: irmãos na mesma história" - este será o tema da Semana do Índio do CIMI, ..., que este ano deve retomar a luta e a história de sofrimento dos índios e dos negros ao longo destes quinhentos anos de opressão." (O Liberal; 25.01.1988. Coluna Espaço Católico).

"Com o tema (da Campanha da Fraternidade) a CNBB quer reafirmar sua evangélica opção preferencial pelos pobres." "... enfatizará igualmente a problemática dos demais marginalizados e oprimidos de nossa sociedade - os índios, os trabalhadores rurais e urbanos, as mulheres empobrecidas, os menores carentes..." (O Liberal; 11.01.1988; Coluna Espaço Católico).

Se no discurso acima, mesmo a ocorrência do centenário, que é aliás o que o provoca, não é capaz de tornar mais visível a força da marca do dado racial - razão de ser da especificidade da questão do negro - igualando-a a de todos os oprimidos, em outros (discursos) se transfere o problema para um polo extremo, praticamente desconsiderando-o "dentro de casa". Estou me referindo às referências e ao clamor contra o regime odioso do apartheid sul-africano, lembrando, para ficar apenas com este exemplo, o da Campanha da Fraternidade, que durante meses mostrou ao Brasil, belos negros e negras alegres dançando, enquanto a respeitável dama negra da arte cênica brasileira clama não contra o racismo "nosso de cada dia", mas, contra o apartheid.

Seguindo o roteiro expresso no final da introdução, referirei agora, mencionando dois exemplos, a absorção do centenário da abolição por dois rituais do calendário brasileiro, sempre a partir do discurso que o noticiário revela.

O primeiro é o carnaval, festa de negro, transformada em símbolo nacional (FRY, 1981), que momentaneamente volta a "pertencer" à raça. Neste sentido, além de colocar o negro na "berlinda", as escolas de samba, peça central do grande ritual brasileiro, traduziram pela voz de seus poetas e cantores, a grande interrogação da raça quanto à realidade de sua própria liberdade; mas também celebraram a riqueza da contribuição do negro à cultura nacional e até colocam na praça, junto com os filhos mais ilustres da raça, uma grande festa negra. Se nos lembrarmos dos discursos já referidos veremos que seus elementos-chave estão aí presentes. E, mais do que isto, está presente também o discurso da conciliação, da exaltação da mistura, enfim, da integração.

Nas notícias que anunciam e comentam a vitória da campeã, o próprio retrato da nossa ideologia racial:

"Uma festa da raça. ... Mas as outras raças também tiveram espaço, sobretudo a branca. Uma festa de todas as raças, uma espécie de lei imposta e aceita por todos, a convivência pacífica, a paz".

E comentando o "presente" de aniversário que a vitória representou para o "cantor (negro) da vila". O jornal diz:

"E que ele, negro, fez por conquistar, desfilando ao lado da mulher, Ruça de apelido, filha de general e militante comunista. E branca e loura." (O Liberal; 18.02.1988).

O outro ritual a comentar, embora não do mesmo nível e status do que foi referido acima, é a Campanha da Fraternidade, importante aqui por mostrar a leitura da instituição que teve (e tem) um papel tão crucial e contraditório, como pelo próprio

caráter encompassador que possui, no que diz respeito à questão do negro no Brasil. Todas essas faces aparecem bem nítidas na briga de foice da discussão da campanha e na sua divulgação - basta lembrar o caráter particular imprimido à mesma pela importante diocese do Rio.

No episódio, aliás, também se mostra a força de nossa ideologia racial, que procura tornar invisível, ou pelo menos pouco nítida a real questão da discriminação e da hierarquização raciais de nossa sociedade. Aparece ainda um outro dado, que é a ambigüidade e ambivalência, ligadas sempre ao tratamento da questão racial. Ficamos e não ficamos (já que uma era de âmbito local, mas que local!), com duas campanhas, dois slogans - que o Brasil todo conheceu via Embratel - e, infelizmente, com a certeza (que espero não eterna) de que a ideologia da harmonia racial e do "óleo lubrificante da miscigenação" continua firme e forte. Fica também a dúvida, pois como é que se pode reclamar de alguém - "Ouvi o clamor deste povo!" (negro) - se o que há é um "Brasil: várias raças, um só povo."?

De qualquer modo, para falar do discurso da Campanha (a do "clamor"), mais do que qualquer outro tema, salienta-se um reconhecimento do "mea culpa" da igreja/instituição para com o povo negro, como veremos nas próprias falas. Aliás, de alguma forma, é isto que aparece no discurso das elites brancas, particularmente no oficial, às vezes traduzido como a "dívida" do Brasil para com os que "ajudaram" a construí-lo. Vejamos o discurso.

Ao anunciar a mensagem com que o Papa iria abrir oficialmente a Campanha, um ex-presidente da CNBB diz que ela, para a Igreja:

"Implica o reconhecimento do pedido de perdão de pecados históricos, como praticar, consen-

tir ou não denunciar a escravidão, ou discriminar o negro nas suas comunidades." (O Liberal; 13.01.1988).

Sem poder negar, o discurso procura também relativizar a "culpa":

"A Igreja não pode julgar consciências, nem projetar no passado a sua sensibilidade atual. No entanto, é preciso reconhecer que, não obstante as vozes proféticas e a despeito das boas intenções subjetivas, a Igreja em geral, desempenhou nas Américas um papel que implicava a legitimização da colonização e de suas práticas, entre as quais a escravidão. ..." (O Liberal; 15.2.1988; Coluna Espaço Católico).

Nas notícias sobre o lançamento oficial da Campanha pela CNBB, lê-se ainda:

"A escolha do tema coincide com o ano comemorativo dos cem anos de libertação dos escravos e servirá para o clero fazer um 'mea culpa' sobre o preconceito racial que exerceu durante séculos como todos os demais segmentos da sociedade." (O Liberal; 18.02.1988; declarações do secretário executivo da Campanha).

Embora sempre enfatizando mais o passado, diz-se também que:

"... Agora com esta Campanha da Fraternidade, lutaremos pela integração social, política e religiosa do negro, para sermos coerentes com a igualdade que a Igreja sempre professou." (O Liberal; 18.02.1988. Declarações de um cardeal de São Paulo).

E com isso lembraria a missão evangelizadora da Igreja e a idéia da "fé verdadeira" (em oposição à superstições e magias), que, obviamente, encaminha sua ação pastoral dirigida aos negros.

O "13 de Maio" do Centenário

Para completar esta breve etnografia fal

ta ver um pouco os eventos e o discurso no dia mesmo do centenário, tratando então da "Caminhada" do Movimento Negro em Belém, para, a partir do evento, olhar as leituras, fazendo um contraponto com o manifesto distribuído na mesma.

O evento mais significativo foi, sem dúvida, a "Caminhada da Falsa Abolição" organizada pelo Cedenpa na manhã do 13 de maio. Iniciando a concentração numa praça localizada em frente à estação rodoviária da cidade, a Praça do Operário (onde sempre ocorrem manifestações das organizações populares, inclusive assembleias de trabalhadores), a caminhada seguiu pelas avenidas principais do trajeto até a praça mais importante (e maior) do centro da cidade, a Praça da República. Entre as muitas faixas e cartazes levados pelos manifestantes, a que abria a caminhada dizia: "Um pouco mais de cor preta faria o Brasil menos pálido". A animação ficou por conta de um grande carro-som, um similar dos trios elétricos baianos - aliás, o mesmo que acompanha o desfile das escolas de samba no carnaval - no alto do qual, representantes da entidade se revezavam transmitindo palavras de ordem, conclamando as pessoas a aderirem à manifestação, puxando às músicas cantadas durante o percurso (Pra não dizer que não falei de flores, de Geraldo Vandré, e Coração Rastafari, de Djalmá Luz), e anunciando ou convocando para falar sobre o evento, os inúmeros oradores que usaram da palavra ao longo da caminhada. Estes eram sempre representantes das organizações de movimento popular (comissões de bairros, associações de professores, movimento de mulheres, etc.), representantes estudantis, de organizações ligadas à Igreja Católica e evangélicas, e vários militantes negros. Todos os discursos apresentaram o mesmo tom de protesto e denúncia contra a "falsa abolição", o racis

mo e a situação de miséria e marginalização do negro. Como uma espécie de fala ritualizada, eles se repetiram ao longo do percurso da caminhada.

Os militantes negros destacavam-se no conjunto dos manifestantes pelo uso de roupas brancas (talvez a maioria) ou de tecidos muito coloridos; pelas tranças e adornos de contas e conchas nos cabelos, no que contrastavam com os negros de roupa comum, entre os quais chamavam a atenção várias pessoas de idade já bem avançada.

Destacava-se também na caminhada o chefe de uma casa de culto afro-brasileiro, que trajava suas vestes de sacerdote, e seguia acompanhado das "filhas de santo" da casa.

Desde o início da caminhada, eram distribuídas ventarolas de papelão, que continham numa das faces o emblema do Cedenpa (dois braços negros cruzados, segurando duas machadinhas), encimados pelos dizeres - Lute Contra o Racismo, e tendo abaixo o endereço da entidade. Na outra face vinha transcrito um manifesto da entidade, tendo no alto os dizeres: **CENTENÁRIO DA FALSA ABOLIÇÃO 1888 - 1988**. No trajeto pedia-se comprar fitas com os dizeres: Lute contra o racismo, que muitas pessoas levavam amarradas ao redor da cabeça.

No final da caminhada teve lugar um 'culto ecomênico', realizado no alto do carro-som, parado na avenida em frente à praça, que foi fechada ao trânsito, apesar do quase nenhum movimento devido ao feriado. Antes do culto houve, numa espécie de palco armado na calçada da praça, apresentações de capoeira e de números musicais, por jovens de um colégio da cidade.

O culto iniciou com um canto de lamento, uma saudação a Exu ao som de atabaques, seguidas das "pregações" de um pastor metodista, um luterano e

um padre católico, sendo encerrado com um canto a Oxalá, dono do ano, ao fim dos quais o pai-de-santo distribuiu entre os outros sacerdotes, e filhos-de-santo lá presentes, uma bebida ritual (o afurá), todos bebendo no mesmo frasco, que aliás ele havia carregado durante toda a Caminhada. Nos intervalos das falas dos sacerdotes houve a entoação de cantos, poesias e a leitura do manifesto do Cedenpa, alusivo ao centenário.

Após o encerramento do culto ecomênico houve uma queima de velas de cores diversas (menos branca), na calçada da praça, em homenagem aos antepassados dos negros. A homenagem naquele local tem a ver com o fato de ali ter sido um antigo local onde se faziam sepultamentos de escravos, fato que foi lembrado, na ocasião, por um representante do Cedenpa. Com as velas acesas espalhadas num espaço da calçada (os militantes fizeram questão que não se fizesse uma cruz com elas), as pessoas distribuíram-se ao redor em silêncio, tendo depois os militantes negros acompanhado, sentados ao redor, a sua queima total.

O relato sobre a caminhada, além do sentido de informação mesmo, também quer chamar a atenção do leitor para a riqueza de elementos que apresenta. Olhando-a num contexto ritual, estão aí presentes, tanto a parada, como o carnaval e a procissão. Por outro lado, se pensarmos nos rituais da década de 30, da antiga Frente Negra, a caminhada pode ser pensada como uma mistura de "domingueira" com a própria solenidade do 13 de maio, em que se mesclam, mais ou menos da mesma forma, a festa, o protesto, o culto aos mortos, o lamento. Apenas a recusa de comemorar a data, marca a nítida separação entre um tipo de manifestação e outro. No entanto, até isso num certo momento parecia não existir,

quando um militante negro que dirigia o culto precisou se corrigir várias vezes e fazer força para não falar em comemoração, justamente quando estava no auge da denúncia da "falsa abolição".

Além, e mais do que isso, a caminhada refletiu muito nitidamente as leituras sobre a questão negra que a própria militância negra, de modo mais geral, faz. O fato da escolha do local de saída da mesma ter sido a 'Praça do Operário', lugar já tradicional de manifestações públicas de trabalhadores, inclusive por ocasião de greves de algumas categorias (como a dos motoristas de transportes coletivos e professores da rede estadual de ensino), casa bem com a identificação expressa no manifesto da entidade distribuído na 'caminhada', e que, junto com ela, foram os dois elementos-chave para "ler" a data:

"Somos escravos e não senhores. Hoje somos peões e não fazendeiros; somos operários e não industriais; somos vendedores e não comerciantes; somos pedreiros e não engenheiros;..."

Pode ter a ver também com a idéia de que a organização e o movimento dos negros possa ser, na verdade, o movimento aglutinador da luta contra todas as opressões, não só a racial, já que como diz o manifesto: "Nosso simples existir prova que somos os mais fortes entre todos os oprimidos...", ou são na verdade a sua maioria, pois, diz ainda o manifesto: "... somos soldados e não generais; somos o rebanho e não pastores; somos os fiéis e não bispos; somos indigentes e não médicos; somos posseiros urbanos e não proprietários; somos presidiários e não advogados; somos posseiros rurais e não latifundiários; somos barnabês e não governadores, presidente da República."

Reforçando a identificação mencionada, os pro

nunciamentos feitos durante a 'caminhada', juntavam a denúncia dos outros oprimidos à dos negros, que naquele dia, pelo menos, eram uma espécie de porta-vozes, assumindo a luta de todos.

À denúncia geral juntou-se, depois o ato ecumênico, a declaração de culpa, o pedido de perdão o juramento de adesão à causa negra, dos representantes de igrejas, particularmente do padre católico (este aliás, um inflamado adepto da teologia da libertação e ligado aos movimentos populares). O jornal noticiou seu discurso dizendo que:

"... iniciou seu sermão admitindo estar representando a Igreja Católica, a mesma que 'abençoou a escravidão e fechou os olhos sobre a tortura e a morte de milhões de irmãos',... ressaltou, porém, que não estava ali para lembrar o passado, e sim para anunciar as mudanças do presente. Segundo ele, a Igreja hoje se tornou mais alegre, mais liberta e mais fraterna devido a união com os negros" (O Liberal; 14.5.1988).

Lembrando aqui, novamente, a recorrência desse tipo de discurso, gostaria de salientar apenas um elemento referente à imagem do negro, porque ele é também, uma espécie de marca que, na nossa ideologia racial, continua a ser continuamente reproduzida, e até, assumida pelo negro em certos discursos. Trata-se da velha idéia das diferentes contribuições de negros e brancos, ou da África e da Europa à nossa cultura. Traduzida, na fala acima pela "alegria", ela aparece também em outro discurso, no mesmo evento, que a sinaliza com outras palavras: Num dos cantos entoados durante o culto, diz-se:

"convivo os negros, irmãos no sangue e na sina, seus gingados nos ensinam, a dança da redenção, de braços dados, no terreiro da irmandade, vamos sambar de verdade, enquanto chega a razão."

Se usarmos aqui um outro discurso, teremos a visão que sugeri acima, mais completa ainda. Refiro-me ao pronunciamento do presidente da república (pela rede de emissoras de televisão do país), no 13 de maio, quando, enfatizando o privilégio de ser o presidente no momento do centenário, diz, falando da raça negra:

"... aquela que aqui chegou com sua sensibilidade, criatividade, com sua música, com sua beleza, com sua cultura, os negros trouxeram da África o que há de comovente e original na alma brasileira."

E, lembrando uma visita a Cabo Verde, completa:

"... a multidão na praça, o colorido das vestes, e aí descobri no ardor daqueles cânticos, que a alegria do Brasil vinha da África."

Se as imagens são estas, precisamos de muita luta para, ao lado da igualdade de direito, nos convencermos que negro não é apenas o "fermento na masa" da civilização que só o branco criou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLÁUDIA.** Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, maio 1988
- DaMATTIA;** Roberto. Carnavais, malandros e heróis; para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- DESFILE.** Rio de Janeiro, n. 224, maio 1988
- O DIÁRIO DO PARÁ.** Belém, Jan. - Set. 1988. (Números de domingo consultados)
- FRY, Peter.** Para inglês ver; identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- O LIBERAL.** Belém, Janeiro - Setembro, 1988. (Números diários consultados)
- MANCHETE.** Rio de Janeiro, n. 1883, 21 maio 1988
- MANIFESTO do CEDENPA.** (Distribuído na "Caminhada da Falsa Abolição" - 13.05.1988)
- A PROVÍNCIA DO PARÁ.** Belém, Janeiro - Setembro, 1988. (Números de domingo consultados)
- VEJA.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 19, 11 maio 1988

RÉSUMÉ: Ce travail prétend retracer l'histoire de la Fraternité du Glorieux Saint-Benoit de Bragance, fondée en 1978. Nous cherchons à comprendre son espace en tant que domaine bien délimité de luttes, de stratégies politiques ayant en vue l'élaboration et la préservation d'une identité ethnique qui caractérise la plus grande partie de son histoire, et qui se maintient de nos jours sous la forme d'une identité social. Comme fondement de notre étude, nous voulons donc capter la signification du passage d'une éventuelle conscience ethnique fournie par la esclaves noirs primitifs de l'ancienne colonie de Bragance, à une identité sociale comprise comme agrégat d'horizons socio-ethniques variés, mais tous rattachés à la Fraternité religieuse. Nous souhaitons également appréhender le sens social contemporain de cette même identité pour les acteurs sociaux.

COMO SE MANIFESTA O RACISMO ANTI-NEGRO NA INSTITUIÇÃO ESCOLA*

Zélia Amador de **DEUS**
Antonio Walter **MACHADO**
Elza Fátima **SANTOS**
Jackson **BARBOSA**
Maria de Fátima Matos **SILVA**
Maria José **BAIA**
Pedro Paulo Cunha **CARVALHO**
Tereza Cristina B. **PEREIRA**
CEDENPA - Centro de Estudos
e Defesa do Negro do Pará.

RESUMO: Este artigo apresenta um levantamento realizado em escolas públicas da rede municipal de Belém, que entre outras coisas nos fez captar e perceber o mecanismo de discriminação racial que exclui dos currículos a história de luta do negro no Brasil, que impõe às crianças negras um "ego branco" a partir dos discursos do tratamento igual a todas as crianças. A discriminação racial na instituição escola se dá muito mais pelo que se fala do que pelo que se diz.

PALAVRAS-CHAVE: Mecanismo da discriminação racial-Luta do negro do Brasil - Currículo escolar - Escolas.

HOW THE RACISM AGAINST BLACK PEOPLE OCCURS IN THE SCHOOL

ABSTRACT: This paper presents a survey in the public school system of Belém that, among other things, made us to understand the mechanism of the racial discrimination that exclude from

* Este trabalho, elaborado pelo **CEDENPA**, serviu de subsídio para discussão no VIII Encontro de Negros do Norte e Nordeste, realizado em julho de 1988 em Recife, cujo tema era: "O Negro e a Educação".